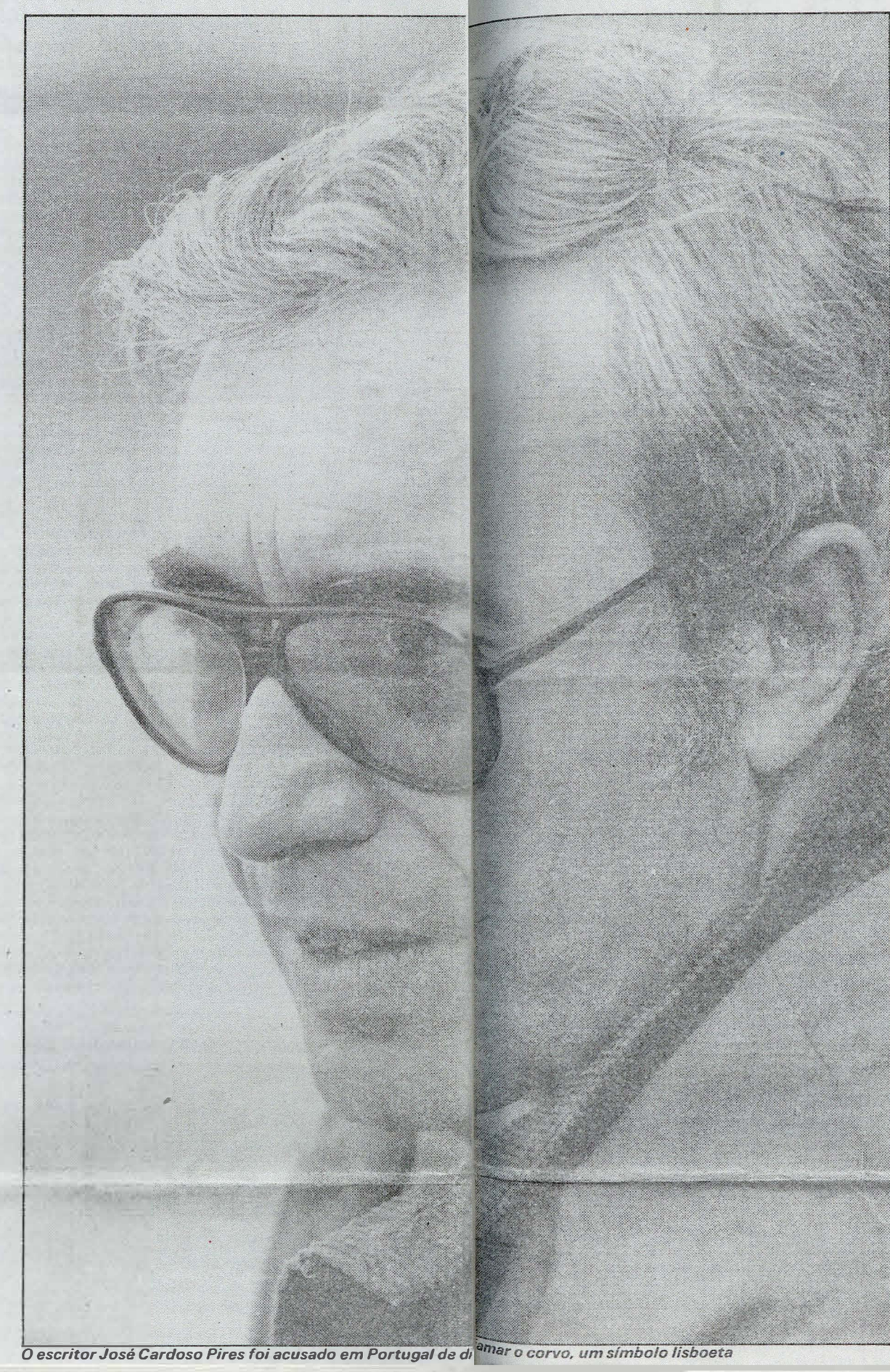
ENTREVISTA

Pires, em busca da identidade portuguesa

O escritor português José Cardoso Pires, 64 anos e 14 livros publicados, detestou a apresentação do grupo Novos Fadistas de Coimbra, que deu uma rápida e reservada amostra de sua música durante uma festa na Embaixada de Portugal, no Rio de Janeiro. Tratava-se de um evento paralelo da IV Bienal Internacional do Livro, que se encerrou há duas semanas naquela cidade. Pires, que veio ao Rio junto com outros escritores especialmente para enriquecer a participação portuguesa na Bienal, costuma ser um crítico ferrenho de qualquer tipo de conservadorismo, mas, diante da espécie de fado-ópera mostrado pelo grupo, confessou, nesse caso, preferir a tradição. Nem a quase dezena de cigarros que fumou e as constantes talagadas de vinho do Porto que bebeu, durante a apresentação, serviram para disfarçar sua irritação com a voz potente, mas grotesca do cantor do grupo. No dia seguinte à apresentação, sem um Porto, mas fumando um cigarro atrás do outro, apesar de dizer que está com enfisema pulmonar, José Cardoso Pires concedeu uma entrevista ao ***Caderno 2****. Às voltas com o seu novo romance, que deverá ficar pronto em meados de 90 e sobre o qual nada quis adiantar, Pires falou sobre seu recente livro,* ***A República dos Corvos****, e disse que uma de suas atuais preocupações é a crise de identidade portuguesa, que se teria acentuado após a Revolução dos Cravos*

Hamilton dos Santos
Especial para o Estado



O escritor José Cardoso Pires foi acusado em Portugal de d amar o corvo, um símbolo lisboeta

MERCADO/**Portugal**

Portugueses querem maior fatia do mercado externo

Na pauta de exportações de Portugal, o livro é um produto cada vez mais em destaque. O Instituto de Comércio Exterior do país, segundo uma de suas técnicas, Isabel Maria Pina Gonçalves, está investindo considerável fatia de seus recursos na divulgação de escritores e seus livros em todos os países de língua portuguesa. Isso ficou bastante claro durante a realização da IV Bienal Internacional do Livro do Rio de Janeiro (24 de agosto a 3 de setembro último). Na feira, o estande de Portugal, com mil metros quadrados de área, foi o grande frisson. Edições de luxo, como as **Tentações** de Bosh, da editora Porto (especializada na publicação de dicionários, coletâneas e livros técnicos e de arte), seduziam o visitante não só pela sua beleza, mas também pelo preço, menos de NCz$ 200,00, o que, se comparado às edições do gênero, é relativamente barato. Obras completas de Eça de Queiroz, de Camões e outros clássicos em variadas versões recheavam ainda mais o cardápio. Ao todo, estavam expostos no estande mais de cinco mil volumes, cerca de 50% da participação estrangeira.

De acordo com José Vieira, da Associação Portuguesa de Editores de Livros, existem hoje em Portugal aproximadamente 200 editoras. Destas, 80 em plena atividade. Mais ou menos 45% da produção lusitana, segundo Vieira, é hoje destinada à exportação. Apesar da boa performance do livro português, interna e externamente, Vieira acredita que os mercados de língua portuguesa ainda são mal exporados pelos editores, porque, na opinião dele, falta ainda uma política mais agressiva por parte dos editores. Entre 20 de setembro e 15 de outubro a produção literária portuguesa estará novamente em exposição, na Feira do Livro Português, que será realizada no Centro Cultural São Paulo.

Além de Cardoso Pires, os escritores portugueses João de Melo, Maria Velho da Costa, Natália Correia, Rui Kopfli e Leonora Xavier também aproveitaram a Bienal do Rio para virem ao Brasil divulgar suas obras. Com exceção de Cardoso Pires, que já havia programado uma viagem para os Estados Unidos, esses autores estarão também em São Paulo na inauguração da Feira do Livro Português. **(H.S.)**

Caderno 2 — Parece que o seu último livro — "A República dos Corvos" causou uma polêmica em Portugal. O que aconteceu exatamente?

José Cardoso Pires — O primeiro conto do livro é a historia de um corvo, um corvo lisboeta, ateu. Eu o mostro com todas as suas fraquezas e sua arrogância. Acontece que a bandeira de Lisboa é uma caravela com dois corvos. Um a proa e o outro a popa. Dentro da caravela está o cadáver de San Vicente, o mártir. Dizem que, quando foi assassinado, os corvos tomaram conta do cadáver, mas não para comê-lo, porque ele era um santo. Na verdade, segundo a lenda, os corvos o protegeram e com ele andaram pelo mar até desembarcar em Lisboa. Por isso, o corvo se tornou um símbolo e uma figura muito querida em Lisboa. Eu, particularmente, gosto muito de corvo, mas no livro eu o difamo, eu corrompi a lenda; mas procuro dignificar o corvo, que é um pássaro inteligente e tem uma linguagem própria. Bem, a polêmica se deu, porque o presidente da Câmara Municipal de Lisboa escreveu uma nota quando o livro saiu, na qual me desafiava para um encontro, para que eu me explicasse...

Caderno 2 — E você aceitou?

Pires — Sim, mas foi uma brincadeira. Disse-lhes, vocês têm prova de que a história foi assim, porque isso é uma lenda e eu fiz outra lenda.

Caderno 2 — Essa história ajudou ou está ajudando promocionalmente seu livro?

Pires — Sim, quer dizer, acho que sim, porque o livro já teve três edições de 10 mil exemplares cada uma, esgotadas. E você sabe que livro de contos vende pouco em Portugal.

Caderno 2 — Falando em tiragem, seus livros continuam vendendo bem?

Pires — Em Lisboa vendo tanto quanto o Saramago. Ele fez recentemente uma primeira edição (**A História do Cerco de Lisboa**) com 50 mil exemplares, antes eu já havia feito uma de 30 mil.

Caderno 2 — Você gosta da literatura de José Saramago?

Pires — Gosto, não é meu autor preferido, mas gosto muito.

Caderno 2 — E quem é seu autor preferido?

Pires — Olha, não gosto muito da literatura fantástica de García Márquez, mas creio que **O Amor no Tempo de Cólera** é um dos melhores livros deste século.

Caderno 2 — Quem gostou muito desse livro foi o escritor norte-americano Thomas Pynchon.

Pires — Nem gosto muito do Pynchon, mas, se ele falou isso, estamos em pleno acordo.

Caderno 2 — A epígrafe que utilizou para A República dos Corvos diz que cada homem transporta dentro de si o seu bestiário privado. Como é o seu?

Pires — Situo-me de olhos abertos em relação à minha época. Creio que estamos vivendo uma espécie de prelúdio extremamente enigmático, mas também extremamente aliciante. Enigmático, porque temos um novo mundo a descobrir, uma nova Terra ou um novo conceito para ela. Aliciante, porque a busca dessa reformulação é apaixonante. E, nessa busca, creio que precisamos lutar contra o homem robotizado, porque pior do que a máquina é o homem robotizado. Mas, voltando um pouco à história do corvo e citando ainda meu livro **Alexandre Alpha**, diria que faz parte do meu bestiário o questionamento da identidade portuguesa, e tento fazer isso nesses livros, embora toda a minha literatura tenha mais ou menos a mesma orientação.

Caderno 2 — E a partir de que idéia, de que propósito, você começa a questionar a identidade portuguesa?

Pires — A partir da redemocratização do país, que em 1974 saiu de uma das mais longas ditaduras da história de Portugal. É certo que mesmo em época de ditadura uma sociedade nunca deixa de se interrogar, mas uma sociedade não se pode interrogar em silêncio, em segredo. Procuro indagar sobre a idéia que os portugueses têm de si mesmos.

> *"Creio que a grande ameaça para a literatura seja o videocassete. Uma fita de vídeo é tão personalizada quanto um livro, só que pode ser simplesmente alugada"*

Caderno 2 — Há algum reflexo na área da cultura que venha da entrada de Portugal no Mercado Comum Europeu?

Pires — Acho que o reflexo maior se dá em relação aos jovens, que passam a se indagar sobre sua própria consciência cultural. A entrada no mercado comum pode, à primeira vista, dar uma idéia de integração com as economias tecnologicamente mais desenvolvidas, mas há um ponto positivo no fato de que exatamente estes países, como a Alemanha Federal, a Inglaterra e num outro plano até os Estados Unidos estarem hoje dando muita importância ao humanismo. Isso, creio eu, vai chegar também na consciência dos jovens portugueses.

Caderno 2 — Nos anos 70, falava-se que o livro não teria muito futuro, porque os meios de comunicação de massa iriam dominar as mentes e corações da humanidade. No entanto, a produção editorial em todo o mundo está cada vez mais inchada. Como você pensa esse fenômeno?

Pires — Li outro dia uma entrevista do Steven Spielberg em que ele dizia que o grande problema do cinema atual é que ele se distanciou muito da literatura, isto é, não conta boas histórias, apenas faz jorrar imagens. A partir disso, penso que a televisão, o cinema, não têm a mesma força do livro, porque o livro é algo personalizado, o que teoricamente atrai mais as pessoas de cultura média. Acho que o grande perigo para a literatura é o vídeo, porque esse sim é personalizado, o sujeito pode escolher uma fita e vê-la sozinho, em sua casa.

> *"Não gosto muito da literatura fantástica de García Márquez, mas o Amor no Tempo de Cólera é um dos livros mais fascinantes que li em todos os tempos"*

Caderno 2 — Em função dessas supostas ameaças, o senhor acha que a literatura tem feito muitas concessões à língua e, sobretudo, à linguagem?

Pires — Em certo sentido sim, mas aí eu volto à questão da personalização do livro, com o qual temos um diálogo cerrado que nunca teremos com a televisão ou com o próprio vídeo. Sobre a língua e a linguagem, acho que se ousa pouco. Você escreve um romance, um conto, para se identificar com a sociedade, consigo mesmo, mas principalmente para se identificar com a própria língua. Só através da escrita você pode discutir a língua. E, nesse processo, o melhor é corromper a língua, você não cria nada sem corromper e só se corrompe o que se ama. Aliás, a coisa mais maravilhosa para mim, na literatura, é o acaso, que surge no meio de uma coisa planificada, no meio de uma sintaxe toda que você tem na cabeça; daí vem o acaso e corrompe essa sintaxe.

Caderno 2 — Você costuma planejar muito seus livros?

Pires — Um bocado, e penso que muitas vezes a receita para se escrever bem é saber gramática; a segunda coisa é esquecê-la. E, uma terceira, é corromper, porque é daí que vem a força da literatura. Veja a literatura oral, por exemplo, é bela porque é a mais corrompida. Por outro lado, você pega os acadêmicos e os ratos de biblioteca, eles pegam um livro e acham coisas encantadoras, mas são pouco criativos porque têm medo de corromper, talvez porque sabem que corromper-se é identificar-se. Mas tudo isso está ligado com o acaso, que requer muito, muitíssimo talento.

Em 1968, Pires lançou O Delfim, que é um dos seus romances mais conhecidos

VIÇO

JCP: Os Caminheiros e ontos (1949), Histórias (1952), O Anjo o (1958), O Render dos 1960), Cartilha do a (1960), Jogos de Azar Hóspede de Job Delfim, de 1968, foi ido pelo Le Monde como 0 melhores romances do editora Civilização a; Dinossauro issimo (1972), E Agora 77, ensaios), O Burro em), Corpo Delito (1980), a Praia dos Cães ilização Brasileira), ra Alpha (1987, ia das Letras) e A a dos Corvos (1988). ção dos dois primeiros, ivros de Cardoso Pires r encontrados no Brasil, es nacionais ou las